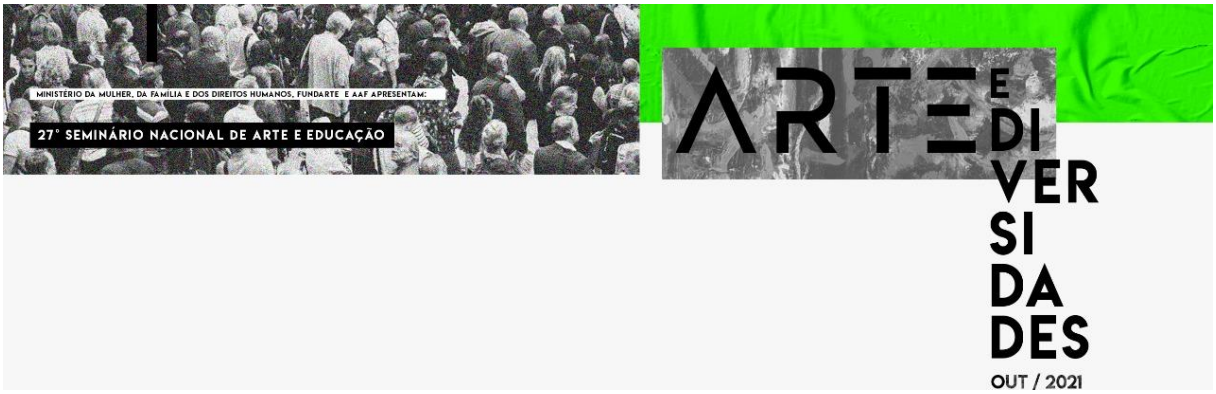


JORNADAS DO CORPO: DOCÊNCIA, PANDEMIA E POÉTICAS DE CONTÁGIO.[1]

Marlise do Rosario Machado
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS
Eduardo Guedes Pacheco
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS
Mariana Silva da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Resumo: A presente escrita é parte da pesquisa em andamento, no Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, e propõe-se a investigar *Contágios Poéticos para corpos docentes, em tempos de pandemia*, através de procedimentos artísticos, que componham possibilidades de partilhar olhares e perspectivas da docência em contexto de isolamento social. Serão abordados ao longo do texto, as experiências online de realização de um curso direcionado à educadoras/es da Educação Básica. Intitulado *Jornadas do Corpo: arte e produção de visualidades como recursos para pensar a docência na pandemia*. O mesmo foi concretizado em três encontros, que serão abordados buscando conectar aspectos conceituais às práticas desenvolvidas ao longo das aulas. Será apenas citada, porém melhor contemplada em textos futuros, a elaboração da Mostra Virtual, que aconteceu em decorrência dos processos desenvolvidos no curso, via plataforma do Instagram, com os trabalhos produzidos pelas pessoas participantes.

Palavras-chave: corpos docentes; poéticas pandêmicas; arte-educação.

Realizado nos dias 30 de junho, 1 e 7 de julho, o curso *Jornadas do Corpo: arte e produção de visualidades como recursos para pensar a docência na pandemia*, foi dirigido a docentes de diferentes áreas do conhecimento, em especial as alocadas na Educação Básica. Irradiado do processo de pesquisa em andamento, *Contágios Poéticos para corpos docentes, em tempos de pandemia,* e inserido no programa de pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, o mesmo foi realizado pela ferramenta de vídeo-conferências, *Google-Meet* e divulgado via *Instagram*.

[1] Texto produzido para o segmento de Áreas Integradas.

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Plataforma esta, também utilizada para a realização da *Mostra Virtual*, elaborada em decorrência dos encontros, a partir das obras partilhadas pelas participantes do curso.

Cabe ressaltar, que embora o convite tenha sido divulgado nas redes sociais, de forma ampla, direcionada à educadoras/es/us, sem recortes de gênero como pré-determinantes para participação na pesquisa, as pessoas inscritas foram todas mulheres cisgêneras e brancas. Uma pequena parcela do que em sua maioria configura o magistério, na Educação Básica: feminizado, cisgênero e branco.

Segundo a pesquisadora Cláudia Vianna, a abordagem do que a autora chamou, de *consenso e constatação da enorme presença feminina no magistério, nos debates educacionais* (Vianna, p.81, 2001) a partir do conceito de gênero, só passou a se configurar de forma mais intensa, a partir dos anos 2000. Potencializando desde então, debates interseccionados por questões étnico raciais, de classe, e diversidade, como forma de dar substrato para a análise e problematização de como configuraram-se estes quadros, presentes ainda hoje, nos espaços educacionais.

Buscando investigar os possíveis rebatimentos deste processo de feminização, em interlocução com questões referentes a divisão sexual do trabalho e o teletrabalho, durante o período de isolamento social pandêmico, decorrente da desterritorialização do espaço escolar. É que foram elaborados em três momentos, os encontros de nossa Jornada: Corpo e espaço; Corpo e tempo; Corpo e visualidades.

O primeiro encontro, *Corpo e espaço*, convidou a pensar sobre questões ligadas ao *ciberespaço*, lugar virtual e não constrito, atualizado através de nossos dispositivos pelas redes de *Internet*. Assim como, nas possíveis implicações do deslocamento do espaço escolar para o espaço de casa: espaço doméstico.

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Também compôs exercícios de escrituras, tanto fazendo uso de papel e caneta, quanto escritas corporais invisíveis, com gestos e ações que engajassem diferentes partes do corpo em relação às telas. Instigando que ao delinear palavras diante das câmeras, pelas quais nos espiávamos, movêssemos e em alguma medida ressignificássemos, não só as palavras e experiências, que *contaminaram* nossos cotidianos docentes neste período – através de diferentes dinâmicas e movimentos corporais ampliados – mas, também produzissem outra forma de composição e ocupação daquela superfície retangular bidimensionalizada, pela qual nos acostumamos(?) a interagir no dia-a-dia.

Através destes movimentos e múltiplos relatos do cansaço decorrentes destas conexões mediadas pelas telas, aplicativos e plataformas virtuais, que discutimos sob a perspectiva de um corpo ubíquo, prolongado e estendido pelas redes informáticas, atualizando nossas presenças em espaços diversos. Neste sentido, tanto o pesquisador Pierre Lévy (2011), quanto Paula Sibilia (2015), enfatizam o desgaste demandado por nossas presenças virtuais, em constante fluxo nas redes, sendo que ambos, sinalizam que a temporalidade pública de um/a teletrabalhador/a é medida exclusivamente por sua própria gestão do tempo, indicando ainda, que:

> Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam não-presentes, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário (...) não totalmente do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes faz tomar a tangente. Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns “realistas”: ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (...) A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso

> o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. Embora não se saiba onde. (LÉVY, 2011, p. 21)

Parte destes efeitos produzidos, passou a ser melhor abordado no segundo encontro *Corpo e tempo*, no qual além da apreciação de imagens e vídeos de artistas e docentes ao longo da pandemia, realizamos jogos de *Contagem de tempo,* no qual contávamos corporalmente as ações realizadas no período do dia, em ordem cronológica, desde a manhã, a partir de algumas provocações musicais e rítmicas. O termo *contagem*, ao invés de *contação*, foi escolhido, visando pensar os trabalhos realizados no cotidiano, como parte de uma trama, da qual também está presente o conceito de *divisão sexual do trabalho*, proposto pela pesquisadora feminista Silvia Federici (2019). Este nos sugere que há trabalhos produtivos: remunerados; e reprodutivos, domésticos e de cuidado: não remunerados ou mal pagos. E que os mesmos tendem a ser naturalizados como femininos[2] – potencialmente cisgêneros, por serem os corpos geralmente associados às invenções históricas de configurações tradicionais de família – e que quando somados, sobrepõe jornadas de tempo de trabalho desiguais, não contabilizados e invisibilizados no cotidiano de muitas mulheres. Destacamos aqui, duas contribuições de referências visuais para a condução desta aula: a primeira, enviada por uma professora, colaboradora da pesquisa, em seu estágio de contágios iniciais, que ao ser questionada sobre que imagem melhor demonstrava como havia sido sua docência pandêmica, compartilhou uma pessoa com inúmeros braços, realizando simultaneamente funções de trabalho produtivo e reprodutivo; a segunda, uma

[2] Enfatizamos que o termo feminino não pode ser essencializado, apenas à existências cisgêneras e que há inúmeras e complexas invisibilidades, por parte de mulheres trans, travestis e pessoas não binárias, que podem ser associadas ao conceito de divisão sexual do trabalho, porém, não conseguiremos abordar com o cuidado e respeito merecido, possíveis diferentes esferas relacionadas a esta questão, no resumo atual.

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

videoperformance da artista e professora Jocarla Gomes, *Puerpério, TPM, Quarentena* (2020). Na qual, a performer produz inúmeras sensações tanto pelo tema que aborda, quanto pelas escolhas estéticas, visuais e sonoras.



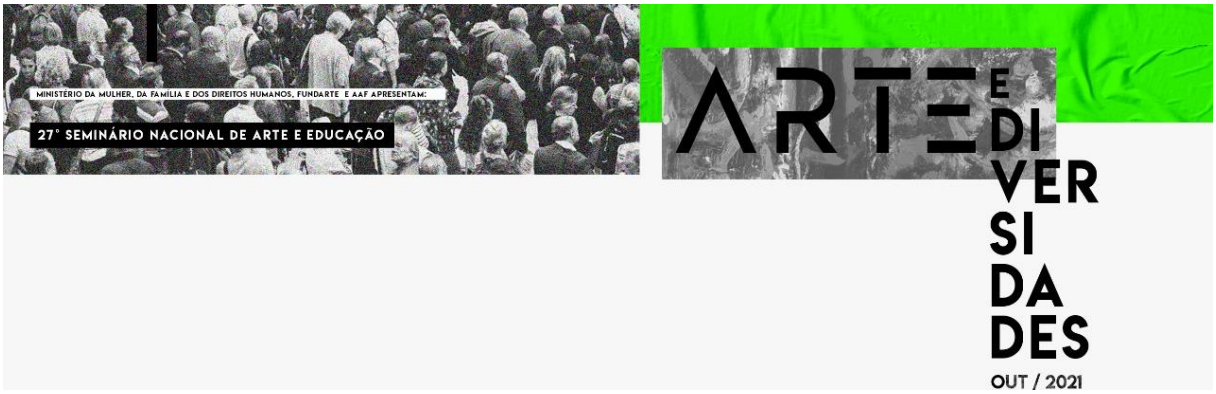
Figura 1 - Contágios iniciais, acervo pessoal. 2021



Figura 2 - Frame da videoperformance Puerpério, TPM, Quarentena. Jocarla Gomes. 2020[3].

[3] Disponível em <https://youtu.be/5w_eZvJ2Zh8>

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



A partir, de ambas provocações visuais, as educadoras presentes falaram sobre as inquietações decorrentes das mesmas: maternidade, jornadas de trabalho intermináveis e *Whatsapp* como espaço escolarizado. Além da discussão sobre performatividades de gênero, uma vez que a figura na imagem 1, foi lida de diferentes formas pelas participantes. As que a identificaram como mulher, o fizeram, porque consideraram as inúmeras funções realizadas simultaneamente e as que a identificaram como homem, o fizeram a partir da aparência: corte dos cabelos, roupas e cores presentes na ilustração em questão. Tais tensões, também proporcionaram que potencializássemos o diálogo sobre a necessidade de pensar o gênero, para além de binarismos cristalizados, a partir de diferentes recortes, que contemplem pensar de forma plural e em fluxo, identidades masculinas e femininas. Como desdobramento dessas pulsações, conectamos a aspectos trazidos no primeiro encontro, através de um exercício de memória e imaginação. O mesmo propunha que as participantes pensassem em espaços escolares e nos corpos docentes que os ocupavam, para que na sequência relatassem quais corpos visualizavam. Pode-se dizer, que unanimemente, como resultado desta prática, relataram-se em sua maioria mulheres cisgêneras e brancas.

O terceiro encontro, *Corpo e visualidades*, trouxe através do exercício *Pedra e Ar*, de Lygia Clark um primeiro convite para *Mostrar ao Ver, Ver ao Mostrar,* ou simplesmente *Mostrar Vendo.* Neste exercício, enche-se de ar um saco plástico transparente, sobre o qual se coloca uma pedra, realizando na sequência, de acordo com a respiração, também um movimento de apertar o saco plástico, elevando a pedra, para na sequência descomprimir-lo, permitindo que a pedra afunde na superfície em questão. Como desdobramento dessa proposta, jogamos ora apenas com o plástico cheio de ar, como se portássemos um balão e ora, apenas com a pedra, percebendo também as diferentes impressões que a mesma produzia sobre a

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

nossa pele, bem como aspectos referentes ao peso e energia da pedra. Intentando desta forma, que qualidades corporais deste jogo *solitário* nos permitissem compartilhar à distância, uma experiência, em alguma medida coletiva.

Desde o primeiro encontro uma das perguntas que serviram de dispositivo para o movimento de nossas poéticas de relação foi: O que cabe no retângulo? Fazendo uma alusão às tais telas e o que pode ou é imposto ao corpo, ao relacionarmo-nos através delas. Pensando, que nossa jornada juntas dava-se a partir de diferentes contágios de práticas artísticas ligadas ao teatro e artes visuais, bem como apreciação de trabalhos e problematizações permeadas também por algumas contaminações conceituais, é que no último de nossos três momentos elaborados para o curso, entramos em contato com obras de mulheres artistas, cisgêneras e transgêneras, como as Guerrilla Girls, Letícia Parente, Renata Sampaio, Esther Ferrer, Victoria Santa Cruz, Zanele Muholi, Renata Carvalho, Auá Mendes e também um artista homem transgênero, Lau Graef. Buscando neste contato, conectar e discutir, pensar e pulsar o que obras, produzidas a partir de agenciamentos dos corpos e corpas em questão, ativavam em nós e como estes, assim, como as demais contaminações poéticas e cotidianas, poderiam nos contagiar a produzir trabalhos artísticos, que partindo das perspectivas da docência pandêmica e das inquietações de nossos corpos, produzisse visualidades diversas.

Uma importante referência para a metodologia abordada, encontra-se na proposta de W. J. T. Mitchell e nos seus apontamentos em, *Showing Seeing*, em tradução livre, *Mostrando Vendo*. Um exercício de olhar, e se deixar ver/afectar por aquilo que fitamos, compondo ainda, a possibilidade de que ao elaborar processos e produzir visualidades que demonstrem o que gostaríamos de partilhar, os exercícios poéticos e obras concebidas, nos mostrem por outras vias, algo por ventura, antes

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

não visto, mas presente. Ao discorrer sobre o *Showing Seeing* em relação às perspectivas da cultura visual, o autor pontua que:

> Como a filosofia ordinária da linguagem e teoria dos atos de fala, ele olha para as coisas estranhas que fazemos enquanto olhamos, contemplamos, mostramos, exibindo-nos e escondendo-nos, dissimulando e recusando-se a olhar. Em particular, nos ajuda a ver que mesmo algo tão amplo como a imagem não esgota o campo da visualidade; que os estudos visuais não são a mesma coisa que estudos da imagem, e que o estudo da imagem visual é apenas um componente de uma campo maior.(...) o exercício do "Showing seeing" demonstra é que a visualidade, não apenas a construção social da visão, mas a construção visual do social, é um problema em si abordado, mas nunca completamente envolvido pelas disciplinas tradicionais de estética e história da arte, ou mesmo por novas disciplinas de estudos de mídia. Ou seja, estudos visuais não é uma mera indisciplina ou complemento perigoso para a tradicional visão orientada de outras disciplinas, mas uma interdisciplina que baseia-se em seus próprios recursos e de outras disciplinas para a construção de um novo objeto de investigação. (MITCHELL, 2011, p. 256-257)

Sendo assim, ao propor encontros que estimulem olhar os processos vividos, na docência pandêmica, convidando a composição de visualidades a partir das percepções das pessoas envolvidas, partilham-se suas perspectivas não só nas obras decorrentes dos encontros, mas na percepção dos próprios encontros enquanto obras, pulsantes e inacabadas. Um jogo de visualidades, nas quais misturam-se diferentes jornadas de trabalho, seja de artistas-educadoras, educadoras, artistas, compondo um território imanente de visões que se contaminam, discordam, corroboram, percebem-se.

Das pessoas artistas que mencionamos, ter mostrado/visto neste último encontro, destacaremos dispostas nas figuras 3 e 4, dois trabalhos que potencializaram importantes pensamentos e discussões sobre a docência, conectados e derramando-se dos horizontes pandêmicos.

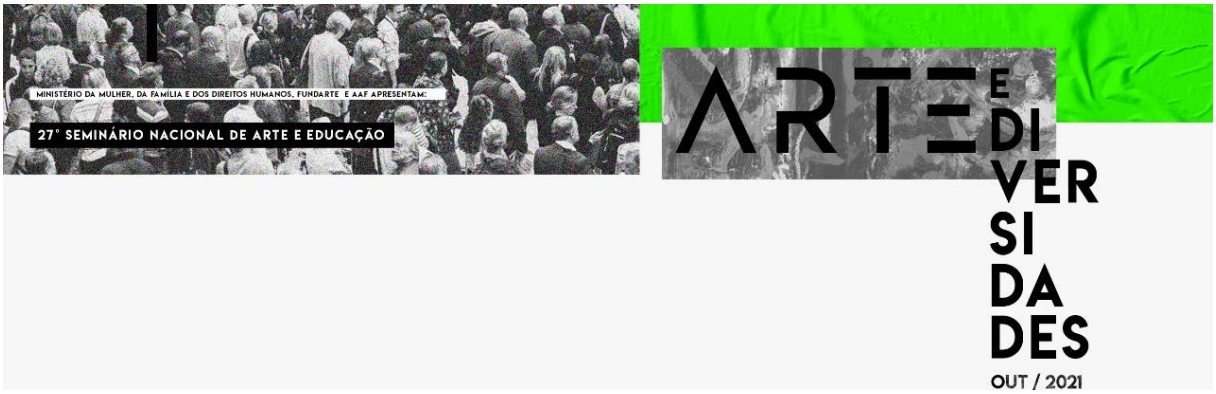




Figura 3- Guerrilla Girls, 2017. [4]

Ao olhar para o cartaz das Guerrilla Girls e para a questão: As Mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? Levantou-se também quais seriam as possíveis indagações que as educadoras elaborariam em relação aos seus locais de atuação, escolas e espaços não convencionais de ensino. Surgiram então, as seguintes perguntas: Para ser docente é preciso ser mulher? Se houvesse mais homens na educação, será que os salários aumentariam? Se aumentarem os salários, os homens vem dar aula?

[4] Fonte: Arte Versa. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arteversa/guerrilla-girls-a-igualdade-de-genero-no-universo-da-arte/>.

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

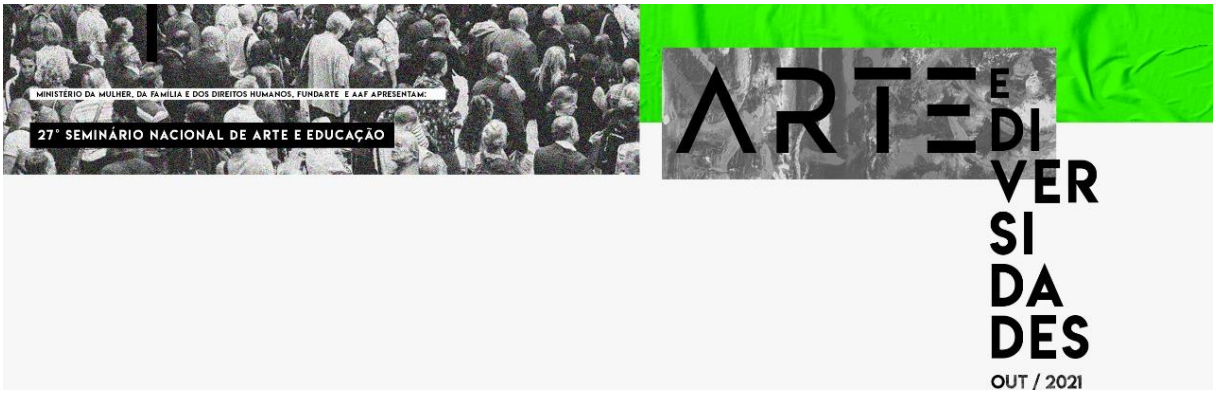


Figura 4- Frame da obra Memória_06: o inominável, 2021. Lau Graef. [5]

Em conexão, com as interrogações suscitadas pela imagem anterior, assistimos a videoperformance de Lau Graef, nesta há inúmeras escritas invisíveis que se repetem, e se conectam à memória do artista, que durante seu processo existencial, desde a escola, percebia-se em alguma medida desterrado em seu próprio corpo e gênero, em parte pela invisibilização de pessoas transgêneras, pelo sistema hegemônico cisgênero e heteronormativo. Atualmente licenciando em Artes Visuais, Lau prepara-se para quem sabe, também vir a trabalhar em um espaço escolar convencional. Tendo estas e outras considerações em mente, a partir das inúmeras potências reverberadas do trabalho apreciado, voltamos às questões, outrora elaboradas pelas participantes: Ao nos questionarmos se a ocupação masculina produziria melhores salários para as/os/es docentes, referiamo-nos também a homens transgêneros, ou pensávamos apenas em homens cisgêneros? Homens transgêneros, assim como mulheres transgêneras, pessoas não-binárias e/ou em fluxo de gênero, seriam bem recebidas entre os corpos docentes, com os/as quais vocês atuam? A palavra inominável que o artista escreve sucessivas vezes, ainda é impronunciável nos lugares onde ensinamos?

[5] Fonte: Instagram do artista <https://www.instagram.com/tv/CMkeM5MBS95/?utm_medium=copy_link>

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



As respostas, embora variadas, trouxeram em sua maioria o tabu que representa a discussão de gênero na docência, e também nos possibilitou articular de forma mais ampla a necessidade de sua abordagem. Pensar que os corpos que olham, o fazem a partir de determinados marcadores, e que há a necessidade de que possamos ver/mostrar perspectivas diversas, para além das nossas próprias, foi um dos pontos importantes, reverberados nas falas das participantes.

Concluindo, as três etapas do curso, nossa jornada juntas continuou e continua reverberando, visto que, as participantes foram então convidadas a potencializar os contágios de suas poéticas pandêmico docentes, através da produção de trabalhos, com os quais mais se identificassem, desde desenhos, poemas, à videoperformances. Compondo assim, a Mostra Virtual *Contágios Poéticos para Corpos Docentes, em Tempos de Pandemia*, que recebendo o mesmo título da dissertação, encontra-se disponível para o acesso online, via Instagram @ContágiosPoéticos. A experiência de realização e as percepções surgidas das educadoras desde então, tem sido uma frequente contaminação para movimentos futuros, e um convite para olhar por vias diversas, o que vem significando ser docente nestes tempos de vírus e isolamento social.

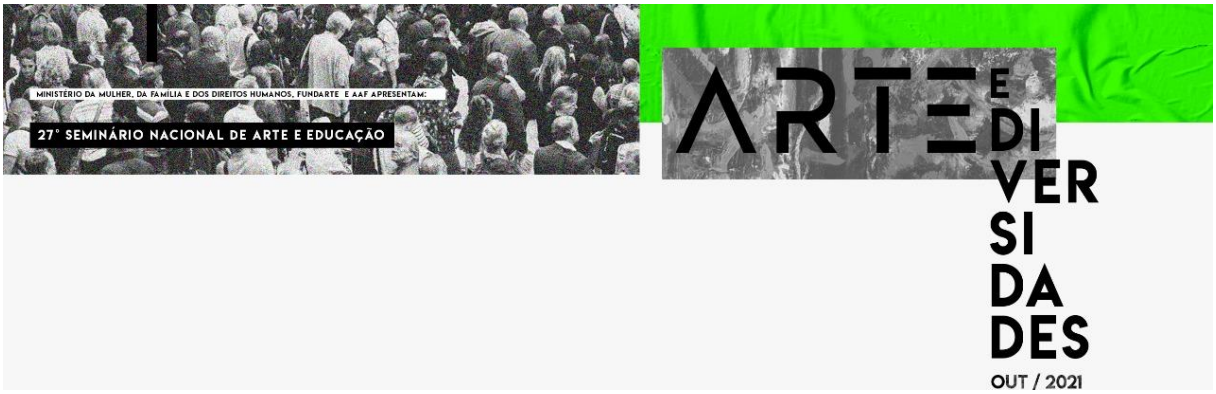
Referências:

BUTLER, Judith. *Actos performativos e constituição de género:* Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica. (Org.) MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca. Famalicão: Húmus, 2011.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução:* trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução – Coletivo Sycorax São Paulo: Elegante, 2019.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34, 2011.

MACHADO, Marlise do Rosário; PACHECO, Eduardo Guedes; SILVA, Mariana Silva da. Jornadas do corpo: docência, pandemia e poéticas de contágio. *Anais...* 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-12, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



MITCHELL, W.J.T. *Showing Seeing:* Uma crítica da cultura visual. SC:UDESC, Artes Visuais.Tradução de Luciana Marcelino, 2002.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico:* a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. RJ: Contraponto, 2015.

VIANNA, Claudia Pereira. *O sexo e o gênero na docência. In:* Cadernos Pagu (17/18) 2001/02: pp.81-103.